

*Preconceito Lingüístico – O Que É, Como  
Se Faz*

*Elis de Almeida Cardoso \**

Um dos preconceitos presentes na cultura brasileira é o lingüístico. Qualquer forma que fuja às normas estabelecidas pela gramática tradicional é vista pela parcela da sociedade, que acha que detém o conhecimento, como um desrespeito à língua portuguesa. O preconceito lingüístico, segundo Marcos Bagno, é levado adiante porque está dentro de um círculo vicioso, que se forma pela união de três elementos: “a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos”. A gramática inspira a prática de ensino, que faz surgir a indústria do livro didático, cujos autores recorrem à gramática. Pronto, está fechado o círculo do preconceito lingüístico. Tudo o que estiver fora da gramática, ou do livro didático, é considerado, sobretudo pelo professor de português, erro.

Afinal de contas o que é ensinar português? Os métodos tradicionais ainda se prendem à “obsessão terminológica” e à “paranóia classificatória”. O ensino estrito da gramática normativa não forma obrigatoriamente um bom usuário da norma culta.

E o que é erro? Na grande maioria das vezes o erro de português nada mais é do que uma violação às regras orto-

---

<sup>(\*)</sup> Doutoranda em Letras e professora da Área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP.

gráficas, logo, não é erro de português e sim “erro” de ortografia. Se a língua portuguesa é a língua materna de um falante, ela é adquirida e absorvida pela criança que, entre os três e quatro anos, já domina plenamente a gramática de sua língua. Erros de português, como os cometidos por um estrangeiro, dificilmente seriam cometidos por um falante nativo.

Vale tudo, então? Não, é claro. Para usar a língua é fundamental encontrar o ponto de equilíbrio entre a *adequabilidade* e a *aceitabilidade*. Depende *sempre de quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por quê e visando que efeito...*

Essas são algumas das propostas de ensino/aprendizagem da língua materna encontradas na obra de Bagno. Para que professores e alunos consigam enxergar o ensino de língua materna desse novo jeito e, diga-se de passagem, é o que querem os *Parâmetros Curriculares Nacionais* do MEC (1988) é necessário desconstruir todo o preconceito lingüístico.

Pensar que se vive num mundo de matutos e jecas-tatus e que se fala não mais português, mas *caipirês*, uma língua de cozinheiras, é mais do que preconceito lingüístico, é preconceito étnico e social.

Continuar aceitando como únicas e corretas formas arcaicas que há muito já foram abolidas, aceitar como verdade absoluta o que dizem alguns autores em manuais do tipo *Não erre mais*, sem qualquer forma de questionamento, ou criticar Drummond pelo fato de o poeta ter preferido o verbo *ter* ao *haver* em “No meio do caminho” é fechar os olhos para a evolução lingüística e engolir, muitas vezes, “um festival de asneiras”.

Numa tentativa de acabar com muitos mitos que geram o preconceito lingüístico, Marcos Bagno, depois de suas “Primeiras Palavras”, apresenta, na primeira parte do livro, a mitologia do preconceito lingüístico. São oito os mitos explorados pelo autor, a saber:

*Mito nº 1:* “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.”

Se a língua falada no Brasil apresenta um alto grau de variabilidade, que gera as conhecidas diferenças regionais, falar em unidade é simplesmente ignorar todo e qualquer tipo de variação.

*Mito nº 2:* “Brasileiro não sabe português. Só em Portugal se fala bem português.”

“O brasileiro sabe português, sim”, entretanto as diferenças que existem entre o português do Brasil e o de Portugal fazem com que muitas pessoas achem que o português brasileiro é errado. Na verdade, o português do Brasil é apenas diferente.

*Mito nº 3:* “Português é muito difícil.”

Manter o mito de que “português é uma língua muito difícil” é interessante para aqueles que vêm essa “ciência esotérica” como um bom produto comercial e para quem gosta de se manter numa posição privilegiada como um verdadeiro “iniciado”.

*Mito nº 4:* “As pessoas sem instrução falam tudo errado.”

Qualquer manifestação lingüística que fuja do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada errada e deficiente, diz Bagno. Entretanto, como mostra em seu outro livro, *A língua de Eulália*, fenômenos fonéticos e morfossintáticos que aparecem no português não-padrão são os mesmos que ocorreram na formação do português padrão.

*Mito nº 5:* “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão.”

Não existe nenhuma variação que seja a mais correta, a mais pura ou a melhor. Uma variedade lingüística atende, simplesmente, às necessidades da comunidade que a utiliza. Todas têm seu valor e sua importância.

*Mito nº 6:* “O certo é falar assim porque se escreve assim.”

A escrita é apenas uma tentativa de representação gráfica da língua oral. Sendo uma tentativa, jamais haverá reprodução da fala com fidelidade. Havendo variações, haverá, nas várias regiões, pronúncias distintas para a mesma palavra.

*Mito nº 7:* “É preciso saber gramática para falar e escrever bem.”

Se a gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua, por que tantos escritores afirmam desconhecer-la? Seriam então os gramáticos excelentes escritores?

*Mito nº 8:* “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.”

Se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão social, nós, professores de português, ocuparíamos, sem dúvida nenhuma o topo da pirâmide. Para desfazer esse último mito, diz Bagno: “Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela ‘suba na vida’ é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana”.

*Preconceito Lingüístico* é leitura obrigatória para todos aqueles que, sem preconceito, querem aventurar-se pelo *rio caudaloso* da língua, que nunca se detém em seu curso, deixando de lado a parcial visão de *igapó* da gramática tradicional, um charco à beira da língua, que “só se renovará quando vier a próxima cheia”.